

*editorial

Luis Ramos Lopes



Casta ou lote?

O assunto suscita opiniões muito distintas, sustentadas em sólidas argumentações. A questão é simples de colocar, mas muito complicada de responder, se é que tem resposta. É mais fácil promover uma região (ou um país) através de vinhos de uma só casta ou através de vinhos de lote?

Portugal é, tradicionalmente e estruturalmente, um país de vinhos de lote. A esmagadora maioria dos vinhos produzidos é feita a partir da mistura de várias castas. O imenso património que Portugal tem em termos de variedade de uvas (muitas delas ainda por explorar e conhecer devidamente) é certamente uma mais-valia. Mas entre os profissionais do sector há quem defenda que toda essa variedade pode funcionar contra nós quando se pretende reunir a massa crítica e, sobretudo, a "identidade" necessária para comunicar uma região a nível internacional. Esta corrente de opinião aponta como exemplo regiões de sucesso que se baseiam prioritariamente numa casta: Graves e Pauillac/Bordéus (Cabernet Sauvignon), Côte d'Or/Borgonha (Chardonnay nos brancos, Pinot Noir nos tintos), Côte Rôtie/Ródano (Syrah nos tintos, Viognier nos brancos), Sancerre (Sauvignon Blanc), Rioja (Tempranillo), Ribera del Duero (Tempranillo), Rueda (Verdejo), Priorato (Garnacha), Barolo (Nebbiolo), Chianti (Sangiovese), etc.

Não me custa admitir que é mais fácil para um consumidor reconhecer e memorizar uma região através do aroma e sabor dos seus vinhos se estes se basearem, maioritariamente ou na totalidade, numa casta. Se, por exemplo, os Vinhos Verdes brancos fossem feitos de Loureiro, os Tejo de Fernão Pires, os Lisboa de Arinto; ou se os tintos do Douro se centrassem na Touriga Franca, os Dão na Touriga Nacional (estes, para lá caminham...),

os Bairrada na Baga, os Setúbal no Castelão, os Alentejo no Alicante Bouschet, isso contribuiria para acentuar o carácter dessas regiões através de um elemento identificador. Mas a que custo? O que se perderia pelo caminho em termos de património de castas? E, fundamentalmente, com uma casta dominadora ou exclusiva, iriam essas regiões produzir melhores ou piores vinhos? Não é possível, nem desejável, replantar por decreto um país ou uma região. Tenhamos em conta, porém, que o encepamento regional não é estático, é dinâmico, altera-se com o tempo e com as condicionantes: rendimento, sanidade, qualidade, tendências de mercado... Nesta, como em muitas outras questões fracturantes, não existe uma solução perfeita, uma receita infalível.

Até porque na busca de soluções perfeitas e receitas infalíveis para os problemas de um país vinícola se esquece, frequentemente, um aspecto crucial: as regiões são todas diferentes entre si. Essa é, na verdade, a sua razão de existir. Diferentes no perfil dos seus vinhos, mas também diferentes no poder económico, na matéria humana, na qualidade potencial, na força identitária. E tão pouco são homogêneas dentro das suas fronteiras. O que faz sentido para uma região ou sub-região pode não fazer para outra. É, aliás, normal que não faça. Os próprios franceses, tantas vezes utilizados como exemplo para o que nos convém e esquecidos quando não dá jeito, já descobriram isso há muito.

**Não é possível,
nem desejável,
replantar por
decreto um país
ou uma região**